

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: JB Class.: Amazônia / Internacionalização
 Data: 30/05/92 Pg.: Ecologia e Cidades 95

Pressão externa tem Amazônia na mira

Ronaldo Brasiliense

Saddam Hussein invade o Kuwait com suas tropas. O Conselho de Segurança da ONU se reúne extraordinariamente, condena a invasão e dá um prazo para o ditador iraquiano libertar o país conquistado. Os Estados Unidos, liderando um exército multinacional, lança a operação *Tempestade no Deserto* e esmaga os exércitos de Saddam. O episódio descrito acima foi lembrado pelo coordenador do Zoneamento Econômico-Ecológico da Amazônia, Herbert Schubart, da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) da Presidência da República, numa alusão ao que poderia acontecer se houvesse uma ação multinacional fulminante, em nome da defesa das florestas tropicais úmidas da Amazônia, que vêm sendo destruídas indiscriminadamente pelo Brasil. "Existe uma grande preocupação internacional com a Amazônia", alertou Schubart, ex-presidente do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). "A internacionalização continua na agenda mundial", acrescentou.

Ao participar de um seminário promovido pela Universidade das Nações Unidas e Dickey Endowment, no estado de New Hampshire, nos Estados Unidos, substituindo o secretário de Meio Ambiente, José Guldemberg, o coordenador da SAE revelou-se surpreso: "O seminário dava ênfase a três temas, direitos humanos, armamentos de extinção em massa e meio ambiente", contou. "Na parte de meio ambiente, o tema era a Amazônia e como o governo brasileiro reagia a pressões internacionais contra a destruição da floresta", acrescentou. Seria, segundo ele, mais uma prova de que a ingerência externa sobre assuntos amazônicos persiste.

Dizendo-se um otimista, Herbert Schubart, lembrou, porém, que o risco de uma interferência multinacional em defesa da Amazônia não existe atualmente, graças às medidas que vêm sendo adotadas pelo governo brasileiro para proteção da floresta. "Temos que conseguir um desenvolvimento sustentável na

Amazônia para escapar das pressões", pregou Schubart, reconhecendo que a técnica milenar utilizada pelos índios e caboclos, de queimar a floresta para fazer a limpeza e adubação rápida do solo com as cinzas, continuará ainda por muito tempo. "Quem vai pagar fertilizantes para os caboclos e índios utilizarem em suas roças?", indagou.

Para Schubart, os países industrializados que mais criticam o Brasil pelos desmatamentos na Amazônia representam apenas 20% da população mundial e consomem 80% dos recursos naturais da terra. "Quem vai intervir nos Estados Unidos, que jogam 17% de todo o dióxido de carbono na atmosfera?", perguntou Schubart. Ele mostrou, também, que o Brasil não pode continuar reproduzindo sistemas de desenvolvimento baseados apenas no crescimento econômico. "Temos que consolidar o que já está feito. A grande prioridade para a Amazônia será a consolidação dos *fronts* que já foram abertos." Conforme exemplificou, "os países que têm poder ficam ditando o que fazer aos países que não têm poder", muitas vezes sem conhecer as realidades existentes nos países que criticam.

Como coordenador do Zoneamento Econômico-Ecológico da Amazônia, ainda em desenvolvimento, Schubart adiantou que o presidente Collor já recebeu das mãos do secretário de Assuntos Estratégicos, Eliezer Batista, o Diagnóstico Ambiental da Amazônia, com muitas novidades. "Na Amazônia, foram identificadas 103 unidades paisagísticas diferentes. A Amazônia não é homogênea e nem uniforme. Ao contrário, é extremamente diversificada." Apontou ainda que não interessa ao governo brasileiro apoiar um processo de ocupação da Amazônia que passe pela substituição da floresta desordenadamente. "Temos que dispor de tecnologias que minimizem o uso dos recursos naturais não renováveis e creio que, nesse aspecto, o Brasil está no caminho certo."